

A BRECHA DECISIVA

Agosto de 1935. A Alemanha já havia mergulhado na sombra do totalitarismo, e os ventos que sopravam da Chancelaria do Reich traziam o cheiro acre da intolerância institucionalizada. As camisas-pardas marchavam pelas ruas com seus bastões e seus olhos vazios, e a imprensa, outrora plural e inquieta, já se curvava ao monólogo do Führer. Nesse cenário, enquanto tantos silenciavam por medo ou conveniência, um jornalista alemão, Konrad Heiden, ousou escrever. E não escreveu pouco — escreveu uma biografia. Escreveu *a* biografia. Em dois volumes. Um gesto que, naquelas circunstâncias, beirava a temeridade suicida.

Konrad Heiden não era um profeta no deserto. Era um homem com os pés no chão, com a lucidez dos que não se deixam embriagar pelas palavras de ordem e pelas paradas militares. Com uma formação em filosofia e história, e experiências vividas nos bastidores do Partido Social Democrata, ele conhecia o solo que Hitler pisava — e talvez por isso mesmo teve a coragem de mapear as pegadas. Seu *Hitler: Eine Biographie* é um gesto de resistência intelectual, um libelo contra o delírio coletivo, escrito com tinta, mas também com indignação.

Foi Thea Sternheim, escritora e testemunha sensível do colapso da razão, quem lançou a pergunta cortante: “Não será esse livro a brecha decisiva nesse crime flagrante que está ocorrendo na Alemanha?” A frase ecoa como um grito na noite — um apelo, talvez uma esperança. A esperança de que a palavra escrita pudesse funcionar como trincheira, que a lucidez pudesse deter a barbárie, que a razão ainda tivesse um último fôlego.

Mas a história, cruel em sua ironia, tem lições menos otimistas. A biografia de Heiden não abriu brechas no regime, pelo menos não no imediato. A Alemanha de 1935 era uma fortaleza ideológica já consolidada, onde as obras críticas eram queimadas em praça pública, onde as ideias divergentes eram tratadas como vírus a serem extirpados. A leitura tornara-se um ato de subversão. Heiden sabia disso — tanto que se exilou antes que fosse tarde demais.

E no entanto, ainda assim escreveu. Porque há momentos na história em que escrever é uma forma de gritar. De dizer “eu vi” quando o mundo todo fecha os olhos. De marcar, com palavras, o contorno da tragédia para que, num futuro possível, ela possa ser compreendida — ou ao menos recordada com o devido horror.

Heiden não apenas descreveu o homem Hitler; ele desnudou o mecanismo do mito. Viu ali não um gênio político, mas um oportunista paranoico, um orador eficaz que

transformava ressentimento em discurso, frustração em fúria coletiva. Foi um dos primeiros a identificar o elemento teatral, a manipulação simbólica, o uso sistemático da mentira como ferramenta de poder. Heiden expôs, com precisão quase cirúrgica, a lógica interna de um regime que caminhava passo a passo para o abismo — arrastando milhões consigo.

O livro de Heiden sobreviveu ao regime que tentou apagá-lo. Continuou sendo lido, estudado, reeditado. Tornou-se uma referência, não apenas sobre Hitler, mas sobre a importância do testemunho precoce. Sua obra lembra-nos que há sempre aqueles que percebem o horror antes que ele se complete. Que há sempre uma voz que se ergue antes do silêncio total.

Thea Sternheim, em sua pergunta pungente, talvez soubesse que o livro não abriria brechas naquele instante. Mas talvez, apenas talvez, ela visse adiante: que a obra de Heiden seria a memória quando a Alemanha esquecesse de lembrar. Que ela seria o eco da resistência intelectual, o registro de uma lucidez solitária que se recusou a pactuar com o delírio.

Hoje, quase noventa anos depois, é justo perguntar: quem escreve nossas biografias antes que os crimes se completem? Quem vê antes do colapso? Quem ainda tem coragem de nomear o mal enquanto ele veste sua melhor farda?

Escrever, quando todos calam, é um ato político. Publicar, quando todos aplaudem o carrasco, é um ato heroico. E ler é resistir.